

Jornal de Melgaço

ORGÃO DOS INTERESSES LOCAES

ASSIGNATURAS

Anno	15000 réis
Semestre	8000
Africa (anno)	25000
Brasil ()	30000

PROPRIETARIO E EDITOR

Quarte A. de Magalhães

ANNUNCIOS

Por cada linha	40 réis
Outras publicações contracto especial	
Numero avulso	40

MELGAÇO, 2 DE JULHO

A LEI

Todos a invocam, e todos a detestam. Chamam-se-lhe sob-rana, inviolavel, suprema, divina, quando é a nosso favor; chamam-se-lhe despota, tyranua, absurda, quando é contra nós.

Se a lei fosse o que a cada um conviria que fosse, a sociedade converter-se-ia n'um caos.

Precisamente o que aconteceria, a outro respeito, se as estações e os phenomenos atmosféricos, estivessem ás ordens da vontade humana: haveria ao mesmo tempo tanta chuva e tanto sol, tanto frio e tanta calma, tantas borrascas e tantas bonanças, que as creaturas acabariam á fome!

A lei é uma norma, uma regra, equaladora, inflexivel na manutenção dos direitos legitimos, dos interesses justamente constituidos, dos principios fundamentais da moral, na repressão dos abusos que prejudicam ou offendem no seu direito e nas suas regalias os individuos, as colectividades e as instituições legalmente organisadas.

A lei é a ordem, a garantia, a confiança, a paz, a justiça, e, portanto, a verdade.

Isto em absoluto. Não se trata de uma ou outra. E assim, pois, tão dignos de censura são aquelles que a infringem e desacatam, como lo seriam aquelles que dessem os fóros de lei a disposições realmente absurdas, tumultuarias, vexatorias. Sim, porque essas disposições condeziriam a fins, que a lei é destinada a evitar ou a corrigir.

Mas, a lei, attentas as suas intenções e os seus destinos, encontra-se sempre entre dois interesses diametralmente oppostos, e, portanto, não podendo decidir se por ambos, sendo a verdade uma só, contraria, inutilisa e condemna d'esses interesses o que não é legitimo e justo.

D'aquí as resistencias, as investidas, os protestos, os pleitos, todas as questões que se agitam nos tribunaes, e, peor ainda, as que correm fóra d'elles.

Muito socegados da sua vida, todos en-

chem a bocca com esta palavra—a lei. Porque é, dizem, uma necessidade imprescindivel, uma garantia, um ponto de apoio para os opprimidos, porque é a grande força que sustenta a ordem social. Ninguém sabe, porém, quaes são os preceitos e qual a sancção das leis senão quando ellas lhe entram em casa. Então, se essas disposições lhe são propicias, confirma-se a noção, para assim dizer intuitiva, que, em absoluto, se tem da lei; se lhe são adversas, vocifera-se, sustentando-e que as leis não devem ser assim, o que equivale a dizer, que devem ser talhadas a proposito de todas as paixões, de todos os abusos, de todas as fraudes, de todas as immoralidades até.

Observamos que as leis podem não ser dignas de si, podem ser applicadas injustamente; mas então tambem a responsabilidade não é da lei, é do governo a promulgar ou de quem a applica.

Nessa hypothese ainda—lão justo e tão santo é o principio legal!—uas leis ha recursos, ha meios de defeza e de desforço, o que significa que ellas proprias acatellaram contra todos os abusos a sua integridade e a sua pureza immaculada.

Posto isto diremos que os povos mais felizes serão aquelles onde as leis forem mais fielmente observadas; porque sendo as leis a expressão e a applicação da justiça, n'ellas terá a justiça o seu imperio; sendo as leis a garantia dos direitos legitimos, os direitos legitimos estarão n'ella assegurados; sendo as leis a salvaguarda dos interesses justos, os interesses justos n'elles estarão mantidos; endo as leis a base da ordem, da harmonia, da paz n'elles reinará a paz, a harmonia e a ordem.

Onde as leis não forem cumpridas será peor do que seria se as não houvesse, porque além de campear infrene a violencia, além de andarem á solta todos os atentados, além de dominar a prepotencia e o direito da força, haverá mais o terrivel espectáculo da resistencia, do insulto, do desacato a este principio verdadeiramente sagrado, por ser aquelle que o proprio Creador escolheu para reger, dirigir e manter toda a sua grande e portentosa obra que anche ou constitue o Universo.

Sem gostarmos de amesquinhar os nossos costumes ou desnudar os nossos fra-

cos, não podemos deixar de dizer que, por este lado,—o desprezo da lei—quasi todos aqui são peccadores,—a apurarem-se responsabilidades, rara seria o que podesse atirar a primeira pedra.

Muitas vezes só pelo prazer de resistir, falta-se á observancia da lei. Parece coisa muito airosa e muito honrosa iludir, falgar, sophismar, inutilisar o que está legalmente determinado. Quem não é capaz de fazer mais nada, julga não ter feito pouco enganado a vigilancia da lei, inutilizando os seus preceitos, desviando-a dos seus fins, enfraquecendo a sua acção, n'uma palavra podendo dizer:—a lei foi á minha vontade, eu fiz o que quiz.

Ainda por cima, invoca-se a civilisação, a liberdade e a independencia! A civilisação, que é toda a applicação de leis ou scientificas, ou economicas, ou financeiras, ou moraes;—a liberdade, que deixaria de existir se as leis não existissem, para sustentala e para defendela dos innumerables perigos que a cercam e dos innumerables adversarios que a perseguem;—a independencia cuja existencia seria impossivel se não houvessem leis que a protegessem.

Porque entre nós, a primeira coisa que se diz, a respeito de leis, é que ellas são ineptas, absurdas, contradictorias, violentas. Raro é quem as conhece, quem as viu, quem sabe o que ellas dizem, mesmo tratando-se das que mais lhe interessam: Este desconhecimento faz com que na maior parte das vezes, se lhes attribua o que lá não está, e se condemnem por lhes faltar o que lá está.

De sorte que, sendo esta palavra—a lei—que mais circula entre nós, a idéa, o principio, que ella exprime e a acção a que corresponde ou que deve exercer, são o que ha de mais erradamente apreciado e mais afucadamente combatido.

A lei é apenas uma formula, um vocabulo, um mytho. Emquanto paira nas regiões da phantasia, está muito bem; em descendo á pratica, á realidade, em querendo ser e para que deve ser, é um monstro, um despotismo, um jugo!

Ora, leis sem applicação, doutrina sem observancia, principios que não se praticam, podem ser excellentes, mas para a vida pratica, para as cousas positivas, pa-

ra o mundo real são como se não existissem.

Talvez algum dia haja n'este paiz a convicção de que isto é assim, mas quando chegar tal convicção, já de certo será muito outro do que a actual, a feliz geração que tanto juizo liver, termina o seu artigo o nosso collega o «Economista».

PAGINAS SOLTAS

Flor de cemiterio

A chuva mindinha, impertinente tombava silenciosa, melancholica como se foram lagrimas do cen a orvalhar os tumulos de marmore branco gelado...

Ella era alta, delgada, flexivel. As faces brancas, brancas como um raio de luar... Os seus labios trementes, electricos, humidos tinham a frescura e o carmin das rosas delicadas e aromaticas. Tinha uns cabellos louros, louros como uma restea de sol filtrada por uma renda d'ouro...

E vestia de preto, um preto que a gente diz *ficar bem* ás faces alvas como a neve...

Chamava-se... nem eu sei bem como ella se chamava. Creio bem que possue um d'estes nomes puros como uma prece e santos como um altar. Um nome que vibra ondas de poesia e oração ás almas dos poetas sentimentaes.

No seu peito casto e corretamente delineado, arfando com o arfar d'aquelle seio, sorrindo com o sorriso d'aquelles labios electricos e humidos como as rosas delicadas e aromaticas, uma dhalia amarella, uma d'estas flores de cemiterio frias e geladas como os corpos de que se alimentam, prendia-se donatrosamente n'um *délassement* languido e fronxo...

Tve raiva áquella flor amarella, symbolica do Desespero, que roubava os seos greos d'aquelle seio escultural e que crusava depois com os seus os seus olhos fulgentes e petulantes...

Um tumulto simples e negro, negro como o seu vestido...

—Ludovina! que linguagem é essa?
—É a da desesperação e da justiça. Não pratiquei sombra de mau acto, por onde mereça este amargo viver que me dão. Quero saber porque vivo apartada das minhas amigas, e dos recreios d'onde a minha reputação sou sempre sem mancha.
—A quem o perguntas, a mim?
—Sim, a mãe, ao pae, e depois pergunta-lhe ao dono d'esta casa, ao dono dos meus vestidos e dos meus braceletes. Se este me disser que a minha liberdade é o preço d'essas cousas, deixo-lhas, e peço a meu pae a subsistencia que me dava d'antes. Se m'a negarem, Deus me inspirar o destino que me convém. Isto ha de decidir-se hoje. Ninguém soffria tanto tempo, por amor proprio, ou pela virtude da paciencia.
—Tens direito a interrogar teu marido, Ludovina; mas se prudente; vence-o com razões moderadas, por não dizer humildes.
—E se elle, por maldade ou por ignorancia, suspeitar da pureza das minhas intenções?
—Fala-lhe como deve falar uma senhora, e confundi-lo has.
—Veiu o commendador cortar o colloquio. Nunca tão a-hambuada e trombada se mostrará a Jerda phisionomia do personagem. Nessa occasião, o echaque intestinal ora verídico, segundo o testemunho do semblante. Era o ideal da fealdade, então, o sr. Dias!
—D. Angelica, instada por um gesto da filha, deixára-os sós.

Continua.

3.º Anno «Jornal de Melgaço» N.º 133

FOLHETIM

O QUE FAZEM MULHERES

ROMANCE PHILOSOPHICO

POR

Camillo Castello Branco

—Pois bem, não se frequentem os bailes, mas conservem-se as relações da nossa casa. Ludovina tem amigas, que extranham muito a vida encerrada que ella passa. Porque não ha-de sua mulher visitar e receber as visitas de suas amigas?

—E isso de que livra? Isto de mulheres umas com as outras não dizem censa boa. O melhor é cada um em sua casa.

—Que razão essa tão... tão singular!

—A final de contas, sr.ª D. Angelica, eu estou em minha casa, e entendo que faço bem. Não se lucra nada em apparecer. O mundo está uma pouca vergonha. Eu já sei como está o-Porto, e como se vive por ahí. Não quero que minha mulher ande nas bocas do mundo. Se Ludovina não

fosse ao baile, onde lhe appareceu o tal namorado que ella teve, não tinhamos todos a zanga com que sahimos de lá. Em casa, em casa é onde se está melhor.

—Eu não me responsabilizo pelas consequências, sr. Dias. Ludovina tem brios e pundonor; se ella desconfia que v. s.ª a encerra em casa, por suspeitar da fealdade d'ella, teremos grandes desordens, e não terei poder para accommodal-as.

—Eu não desconfio de minha mulher; se não vou aos bailes, é porque não quero que os outros desconfiem, e acabou-se.

O dialogo ficou aqui; mas ha ahí duas linhas que fazem honra á intelligencia equivooca de João José. Merecem ter segunda edição de versaleis:

EU NÃO DESCONFIO DE MINHA MULHER; SE NÃO VOU AOS BAILES É PORQUE NÃO QUERO QUE OS OUTROS DESCONFIEM.

Isto é uma grande idéa, das quatro idéas grandes que apparecem em cada se-culo, e que por, engano, entrão no cabeço inhospita do commendador.

Pesem bem o quilate das duas linhas; que me ministrou João José, e verão que as melhores d'este livro são ellas.

O marido, que me está lendo, se tem cincoenta annos, e espreita os vinte de sua mulher, através do vidro embaciado que a experiencia lhe vendeu caro, não deve já agora perder a esperança de dizer, no auge do seu ciuime, alguma coisa que possa ler-se em letra rodada.

A indignação fazia os versos de Juvenal; porque não ha de ociume fazer as prosas toleraveis dos maridos?

A idéa de João José, se fosse minha, ninguém me aturava a vaidade. Rogo aos escriptores contemporaneos, e aos futuros sabios, alinhavadores de ramendos alheios, que se escreverem a seguinte maxima:

Ha maridos que não desconfiam das mulheres; mas não vão aos bailes para que os outros não desconfiem: escrevem por baixo—O commendador João José Dias.

As pessoas que melhores idéas engendraram, não tem sido as mais felizes. O commendador pertence ao martyrologio dos grandes pensadores. Os fados, os estupidos fados não de castiga-lo por essas poucas palavras com que elle arranjou um nicho, pódre de barato, no templo da memoria.

O castigo começa.

Ludovina disse um dia a sua mãe:
—Estou casada ha treze mezes, e sinto-me velha. Até aqui obedeci como creança, a minha mãe, a meu pae, e a esse homem, que entrou na nossa familia com certa auctoridade que me intimidava. Eu fui sempre docil, docil até á pussilantidade. Se a violencia não fosse tamanha, este homem que chamam meu marido, teria feito a escravidão da minha alma para sempre. Assim não pôde ser. Sinto-me outra; perdi os costumes de creança; envelhecaram-me com os desgostos continuos, e por isso não de soffrer-me agora emancipada.

—Que vem tudo isso a dizer, Ludovina?
—Que quero a minha liberdade, que hei de passar por cima da oppressão á custa de tudo.

Ella contemplou-o. Condoeu-se da virgem que a morte roubara quando a madrugada da Vida começava a desportar. E então n'um sentimento não sei se de compaixão se de dó, os seus dedos delicados desprenderam do seio aquella flor amarella que foi pousar-se sobre a campa fria e humida da morta.

E, quando me retirava, os meus olhos viçagados foram cruzar-se insensivelmente com o olhar amortecido e choroso da dhalia amarellada e petulante...

OSCAR DE PRATT

Avó e Neta

Ao declinar d'uma tarde d'agosto, quando o sol, mergulhando no crystal diaphono do mar, lançava os seus ultimos raios de esplendor como o proscripto ao partir para o exilio lançando os seus ultimos olhares á terra que o viu nascer, n'uma casita de pobre apparencia, que alvejava por entre chermatites e trepedeiras, assentadas, em dois bancos de pinko, estavam uma joven linda como as alvoradas d'abril e uma velhinha de cabellos brancos, brancos de luar.

—Oh! minha rica filha, dizia a velhinha, como deves soffrer!

Amar sem esperanza, abrigar no peito uma paixão que não é correspondida. Oh! é horrivel, horrivel!

Lança-te em meus braços, quero-te apertar contra o peito, oscular-te as faces puras como o desabrochar de um lyrio.

Assim, assim minha filha, mas não chores, talvez que um dia, quem sabe? talvez amanhã, elle nos venha bater á porta a pedir-te perdão de te haver feito soffrer e se lance em teus braços.

—Oh! minha rica avó não me faça sentir uma esperanza que me pode matar, que me pode separar da minha rica avosinha. Soffrerei, soffrerei pacientemente.

—Olha minha filha, ouvi dizer, não me lembro agora a quem, que toda a nossa existencia se encerra n'estas palavras: — ter fé e esperar.

Ah! já me lembro foi n'um livro que eu li quando era como tu, quando os vinte annos me sorriam através as primaveiras que havia atravessado.

—Tem fé, minha filha, tem fé em Deus que vê as tuas lagrimas e que ouve os teus gemidos, em Deus cuja misericordia é infinita e espera, espera que outros dias surgirão bellos como os da infancia, sorridentes como dois noivos no dia das nupcias.

Ah! minha rica avó. Se não fosse a minha avosinha já tinha morrido.

Vianna, X—VI—XCVI

JOSÉ FERRAZ

FACTOS DA SEMANA

No comboio de Lisboa—

Um roubo audacioso

Commetten-se um roubo atrevidissimo no comboio de Lisboa ao Porto.

Entre as estações de Albergaria e Vermoil, vindo o comboio em marcha, um gatuno assaltou o compartimento de uma carruagem de 1.ª classe, reservado a senhoras, onde vinham apenas a sr.ª D. Lucinda Cardoso (da familia do sr. Manoel Pedro Guedes), que se dirigia para casa d'este cavalheiro em Penafiel, e uma senhora pertencente a uma congregação religiosa, vestindo o habito de lá branca, e que seguia para Braga.

Instantaneamente o ladrão abriu a portinhola e, penetrando na carruagem, lançou mão a uma pequena mala da sr.ª D. Lucinda Cardoso, mala onde havia, alem de varios objectos de prata, cerca de 700\$000 reis, sendo 90\$000 em dinheiro e o resto em papeis de credito. As duas passageiras gritaram por soccorro e a sr.ª D. Lucinda Cardoso ainda agarrou o patife, que, soltando-se facilmente, lançou a mala para fóra e em seguida saltou á linha, levando tambem o chapeo d'aquella senhora, a qual, chegando á portinhola, viu o gatuno estendido no chão.

Entretanto, o comboio proseguia na sua marcha, os outros passageiros sobresaltados com a gritaria, dispararam alguns tiros de revolver. Chegado o comboio a Vermoil, participou-se a occorrença ao chefe da estação e, graças ás providencias

d'este funcionario, o ladrão foi preso, sendo a noticia communicada á sr.ª D. Lucinda Cardoso na estação da Pampilhosa.

Dialogo de... carrinho

—Dá licença cavalheiro, dá licença?... Eu queria tomar um logar no vehiculo, mas pretendia o da frente... para...

—Para ir mais á vontade é claro...

—Não é isso men caro cavalheiro, não é isso precisamente... Creio que o cavalheiro ignora as poderosas circumstancias que me levam a assim proceder... quero dizer, em insistir pelo logar da frente... é um dever imperioso que tenho de viajar proximo d'aquelles que me são caros!

—Ah!... se isso é questão de familia, já cá não está quem fallou... Queira pois entrar meu... senhor...

—E' tão importante a questão que me proponho seguir sempre de perto, que me obrigou a avençar com o dono da carruagem, para assim ter o direito de escolher o logar... Se não fosse receiar que o cavalheiro se importunasse, eu expunha com a maxima franqueza e em poucos minutos todo o principio de toda a questão... mas...

—Pois não, meu caro senhor... Queira falar sur...

—Doutor... cara de pau... um seu creado cavalheiro...

—Ah!... cara de pau!... v. ex.ª é... o senhor doutor... o senhor cara de pau, aquelle que n'estes ultimos tempos se tem immortalizado... quero dizer, aquelle burro... perdão, aquelle medico amesgradado na corda bamba de que os jornaes tanto se occuparam?...

—Justamente, cavalheiro... Nem mais nem menos... parece que sabe...

—Não sei nada doutor, o que sei é que estudei... que é medico e que é...

—Que sou pharmaceutico... que sou boticario tambem...

—E eu que estou muito satisfeito doutor, por saber e tanto a tempo, que tinha por companheiro de viagem a v. ex.ª... ao senhor...

—Diga, diga... doutor... cara de pau, nome porque todos me conhecem na familia e fora d'ella...

—Ah! v. ex.ª tem familia?... julguei que... que...

—Julgo o que? Não julgo nada! Tenho familia tenho sim senhor... Ora oíça cavalheiro, e fique sabendo que a minha arvore genealogica não é tão insignificante como imagina... O meu tronco que o «Jornal de Melgaço» publicou, mas de que o cavalheiro não teve conhecimento por não ler os jornaes, evidencia bem o meu quilate...

Pelo lado paterno son filho de... do... nascimento... quero dizer, nasci e estou no mundo... pelo materno pertenco á familia das lebres... sendo por consequente um... lambão... oh! perdão, sendo consequentemente um beirão... já viu?...

Ora franqueza franqueziinha, pela parte de meu pae querem alguns que eu seja zorro... quero dizer, que ando ponco... mas como minha mãe foge a um galgo...

—Olhe doutor, parece que as palavras são como as cerejas... e a nossa conversa vae afinal fugido muito do terreno que nos propunhamos discutir... A nossa principal questão era o logar... parece que v. ex.ª falando-me á pouca em boticario ambulante, deu a entender que tem botica, e que a questão do logar no carro se relaciona mais ou menos com ella. Ou não?

—E' sim senhor... vou aqui perto dos meus clientes, d'aquelles dois animaesinhos que pachorrentamente nos vão conduzindo ao termino da nossa viagem... e que d'um para outro momento podem precizar dos meus serviços, percebeu?...

—Sim senhor, está direito... é medico... é veterinario... e é pharmaceutico ambulante, deve fazer boa fortuna hein?

—Assim assim... o que faço é muita concorrência ao meu collega da botica nova, com o que elle anda pouco satisfeito, mas que tenha paciencia, que se formalise... que se arranque como poder que este mundo é de quem mais apanha... Jamais os preparados chimicos da minha botica ambulante, como são obra da minha lavra ficam muito mais em conta, e o meu collega tem que os pagar e ficam muito mais caros.

—Pelo que vejo, v. ex.ª conduz no

lombadilho do carro a sua caixa ambulante, é isso? Tinha muito prazer em ver de perto esses seus preparados chimicos, esse producto da sua lavra, com que tanto se ufana, porisso na primeira estação obsequiei-me mostrando-me a sua caixa... jamais tenho aqui uma dôr defronte d'um joeibo, e v. ex.ª aproveitando o ensejo de me mostrar a sua pharmacia, pode tambem examinar a minha perna, e... é dinheiro que ganha. Convem n'isto doutor?...

—E' a tal coisa... o cavalheiro não tem lido o «Jornal de Melgaço» pois se o tivesse lido já sabia a origem dos meus preparados e a forma da minha botica ambulante!

Para que foi que a natureza me brindou com esta grande penca?... Com este grande nariz quasi tamanho da vista?... E' esta a minha caixa ambulante, cavalheiro, de onde são extrahidos os universaes granolos que eu, cara de pau, e medico diplomado tambem sei manipular com estas grandes e amarelladas unhas que o cavalheiro está vendendo!... Se quer saber mais alguma coisa cavalheiro, leia os jornaes, porque a leitura instrue, e quem não estuda não sabe.

—Adens cavalheiro...

—Adens sr. Doutor, sr. cara de pau.

Epilogo

E' bacharel

E' diplomado

Na corda bamba

Dança o bailado.

Tem grande penca

Muito aguçada

E' boticario

E não é nada.

Abaixo de zero

Ainda está um grau

E' engeitado

E' cara de pau

REINALDO

Aggressão covarde

No dia 27 do mez findo de manhã o soldado da guarda fiscal Joaquim Luiz Alves Ramos, vindo da margem do rio Minho em direcção á freguezia de Chaviães, unicamente armado de traçado, encontrou, vindo da raia, dois individuos trazendo um uma sacca na mão; como desconfiasse que fosse contrabando, dirigiu-se ao da sacca a qual apprehendeu, conseguindo o conductor fugir juntamente com o seu companheiro, cuja sacca verificou conter tabaco hespanhol.

Quando o referido soldado vinha já proximo da povoação de Chaviães, foi cobardemente agredido com uma forte pedrada pelo individuo a quem tinha arrestado a sacca de tabaco, o qual se achava embuscado á beira da estrada.

O ferimento é gravissimo achando-se o dito soldado em tratamento no hospital d'esta villa.

Foi dada participação ao poder judicial o qual já mandou proceder a exame de sanidade no ferido.

Reclamamos para aquelles actos de barbaridade, o mais severo castigo, jámais quando praticados com a mais requintada maldade e traição, e exercida sobre um agente da auctoridade por cumprir com os seus deveres.

Ora, com taes desmandos como quer o povo que a guarda fiscal tenha por elle benevolencia quando cahirem sob a acção da sua justiça? Não pode ser. Taes actos vem tornar a guarda fiscal mais severa e rigorosa na sua dura acção de fiscalisação.

Esperem o tempo, e verão.

Prevenção

Termina no dia 31 do proximo mez d'Agosto o praso para a validade, uso e troca das letras de cambio do antigo typo, que foram substituidas pelas do novo.

A guerra de Cuba custa á Hespanha 180 contos de réis por dia. Que sorvedouro!

Imposto sobre os cães

Diz-se que o governo vae estabelecer um imposto sumptuario de 1\$000 reis por cada cão. Esta medida é tendente a reduzir o numero dos cães e a tornar facil uma fiscalisação severa, que difficulte quanto possivel a propaganda da raiva.

A um macanjo

N'um exame de corpo de delicto directo dizia um pharmaceutico caline ao examinado.

Onde lhe doe?

—Aqui senhor, apontando para o peito. —Doe-lhe por dentro que eu bem vejo; não é isso?

—Parece-me que sim.

Pharmaceutico interessado pelos seus alcances scientificos:

Tem umas contusões, que se veem em evidencia.

Tal amo tal creado, porem o que se estranha é que se não levantem forcas por essas ruas contra estes intrusos na medicina, desfazendo-os em seguida em oleo para unção de machinas.

Uma terra que possui d'estes instrumentos mortiferos deve viver satisfeita.

Dizemos mortiferos, porque entregues a estes visionarios só a campa nos pode esperar.

S. João

O S. João em Melgaço no corrente anno, foi pobremente festejado, e, talvez devido a isso, deu logar a que a justiça possa castigar severamente aquelles que concorreram para tão grande falta.

Já foram dadas tres ou quatro queixas para juizo.

Uma do digno administrador d'este concelho, queixando-se das pessoas que o insultaram na occasião em que interveio, coitao representante da auctoridade administrativa, afim de por cobro a certos e determinados abusos que se praticaram na noite do dia 23.

Outra da camara municipal, pelo facto de ter sido queimado um castanheiro na feira do gado.

Outra d'uma menina qualquer d'esta villa, queixando-se de que o sr. Caetano José Mosqueira d'Almeida, lhe deu um murro, atirando com ella contra um castanheiro.

E finalmente, mais outra contra o sr. dr. José Joaquim da Rocha de Queiróz, por tambem se dizer que bateu n'uma mulher.

A justiça já procedeu a exame no castanheiro, e na mulher que se diz ter sido offendida pelo sr. dr. Rocha.

Do exame feito n'aquelle verificou-se que as offensas foram feitas por um corpo maligno contendo queimante, e do d'esta houve opiniões.

Um dos peritos disse que tinha ferimentos e outro que não.

D'ahi resultou nova nomeação de peritos, a qual recaiu nos dois pharmaceuticos cá da terra.

Procedeu-se a novo exame e... quartel general em Abrantes...

O' meu S. João da ponte

Parente do cara de Pau

Pozeste as moças em revolução

Por causa d'um bimbau.

Ainda a liquidação

—E' um panno verde, que nos seduz até á gloria.

—São umas pinturas sem regras d'arte, que formam um livro de quarenta folhas, tendo por complemento— a miseria.

—E' um romance tendo por prologo— seis contos de reis e uma mulher—e por epilogo—a fome das premissas d'um amor feito pelo contacto estimulante do marmeleiro.

—E' uma pia em cada caza, como teria um porco beatificado.

—E' a má lingua que Deus dá aos perdidos.

E' uma interdicção por prodigalidade, que nos espiritos obcecados pelo vil interesse não cala bem.

—São nos papeis que certificam do credito material e moral d'um homem.

—E' um jornal que serve de mortalha a uma familia.

—Faça conclusos para despacho de... despreso.

S. Pedro

Com um lauto jantar e dança junto do espigueiro, foi assim que o velho chaveliro do cen foi festejado no logar da Barrota, freguezia de Prado, d'esta comarca.

Apoiadol

Parto laborioso

A ex.^{ma} sr.^a D. Mathilde Gonçalves d'Araujo, esposa do nosso amigo o sr. Antonio Augusto d'Araujo, acreditado negociante, de S. Gregorio, teve ha dias um parto laborioso, difficil e perigoso, sendo necessario extrair-se a creança a ferros, operação que com o melhor exito foi realisada pelo nosso amigo o destiatissimo clinico d'este concelho, sr. dr. Francisco Luiz Rodrigues Passos, coadjuvado pelo sr. dr. Domingos Eunes Ramos Fontainhas, distincto e habil facultativo do partido municipal de Monsão.

A parturiente acha-se n'um estado regular apesar do grande abalo e soffrimento porque passou.

Fazemos votos para que em breve tempo se restabeleça para satisfação e tranquillidade da sua familia que a adora.

Caras de Pau

Chamamos a attenção dos nossos estimaveis leitores e assignantes para o annuncio que nos serve de epigraphe e que vae inserido na quarta pagina d'este jornal.

E' um primor da arte, tem applicações utilissimas, principalmente quando algum gatuno precisa encobrir-se com a capa de homem honrado; tem ainda muitos outros predicados como são:

— Quem possuir uma cara d'estas, está livre de uma penhora.

O nariz é d'uma efficacia incontestavel, sobre tudo para provocar dejecções retardadas.

O bigode, se é que assim se lhe pode chamar, é muito aproveitavel aos sapateiros.

A luneta serve sómente para se poder dizer: «vou ver Braga por um canudo».

O olho é, incontestavelmente o melhor de tudo; tem pouca carne, mas ainda assim com a ajuda d'um vidro qualquer, pode passar por muito bom.

A bocca, então, é a que offerece mais vantagens ao comprador:

Suppre perfeitamente a cousa necessaria, o que muitas vezes, nos é preciso de repente.

Na falta de cousa melhor apanha moscas com grande agilidade.

Serve tambem para cinzeiro e escarrador, e, finalmente, por 100 reis que é o seu preço, não vale a pena deixar de se possuir uma preciosidade tão util como aproveitavel.

Vendem-se na Loja Nova do Esteves, á praça do Commercio, d'esta villa.

A's caras de pau, pois.

Promoção

O Delegado do Procurador Regio n'esta comarca, sr. dr. Manoel Fernandes Pinto, promoveu que fosse intimado o proprietario do nosso jornal, afim de fazer declarações acerca de duas locaes publicadas no n.º 131—Providencias—Falta de cuidado —e que dizem respeito, a primeira aos constantes e continuados alvoroços que algumas mulheres e garotos fazem junto ás portas de Baixo e repartições de fazenda e administração do concelho, e a segunda por pedirmos que se ponha cobro e se deem as mais estreitas providencias afim de evitar que se toque, cante e dance junto das grades das cadeias d'esta villa, e bem assim se ordene que as portas interiores das mesmas sejam devidamente fechadas á hora legal.

Em virtude de ter sido designado o dia de hoje para taes declarações, é-nos completamente impossivel podermos dar promonores sobre o assumpto, o que faremos no proximo numero.

Guarda fiscal

Apesar de ainda não estar de todo restabelecido dos seus incommodos, reassumiu hontem as funcções do seu cargo, o sr. Seraphim d'Assumpção, digno commandante da secção fiscal d'esta villa.

Luar Baço...

Quando recebemos a continuação do folhetim que publicamos em forma de livro, com o titulo que nos serve de epigraphe, já tinhamos dado o mesmo por concluido, e porisso, d'esta feita, pedimos desculpa ao seu auctor e nossos presados assignantes.

Delimitação de fronteiras

São esperados brevemente uma commissão de officiaes do corpo de estado maior, para com outra de officiaes hespanhões de igual arma, procederem á rectificação da fronteira.

«O Monocolo»

Recebamos o primeiro numero d'esta excellente publicação de caricaturas, de Ponte do Lima, habilmente redigida e illustrada pelo nosso dedicado amigo Alfredo Mancio.

A primeira pagina é uma prova evidente do talento e primor artistico do seu auctor.

Na pagina do centro insere um bellissimo retrato do sr. conselheiro Miguel Dantas Gonçalves Pereira, um dos vultos mais dignos da nossa politica.

As paginas restantes veem repletas de prosa e verso, collaboração dos srs. Luiz Trigueiros, Just. de Leucastro, Alfredo de Pratt e outros.

Felicítamos, pois, o nosso amigo Alfredo Mancio, desejando-lhe muitas prosperidades.

Nascimento

Deu á luz, ha dias, no logar da Portella do Couto, freguezia de Chaviães, d'esta comarca, uma robusta creança do sexo feminino, a sr.^a Augusta Candida Alves, filha do sr. Antonio José Alves, arrematante da iluminação publica, e que, por alguns mezes, esteve ao serviço do rev. Caetano Fernandes, abbade d'esta villa.

Consta-nos que á recém-nascida foi ou vae ser posto o nome de *Caetaninha*.

Deus Nosso Senhor a crie para boa sorte. Amem!

Senhor do Socorro

Nos dias 3, 4, e 5 do corrente mez de julho, effectua-se na freguezia da Labruja, de Ponte do Lima, a grande romaria do Senhor do socorro.

«O Regenerador»

Entrou no undecimo anno da sua publicação, o nosso distincto collega o «Regenerador» de Braga, a quem enviamos sinceras felicitações.

Novo Codigo de Justiça Militar

A «Bibliotheca Popular de Legislação», com sede em Lisboa, na rua da Atalaya, 483, acaba de editar este codigo, approvado por Carta de lei de 13 de maio do corrente anno, sendo o seu preço 200 reis.

«Melgacense»

Não pôde ainda apparecer á luz na quinta feira passada este nosso futuro collega devido aos grandes trabalhos feitos na chapa que serve de titulo ao mesmo jornal.

São elles, segundo nos consta, d'um gosto verdadeiramente artistico, que muito honra o seu auctor.

Dizem-nos que apparece hoje sem falta.

Oxalá não haja algum contratempo que interrompa o seu nascimento.

BOLETIM ELEGANTE

Acompanhado de sua ex.^{ma} irmã e demais familia, acha-se na casa dos Leões da Serra, em Prado, o nosso dedicado amigo e conterraneo, sr. Gaspar Eduardo d'Almeida, estimavel cavalheiro que ha annos está residindo em Vianna do Castelo.

Os nossos respeitosos cumprimentos de boas vindas.

—Regressou da capital com sua ex.^{ma} esposa, onde, como dissemos, tinham ido esperar seus extremos filhos, o sr. commandador Guilherme Gandido Pinheiro, importante capitalista d'este concelho.

—Com sua illustre familia, regressou ha dias á capital, o ex.^{mo} sr. dr. Joaquim Pedro Parente, moito digno 1.º official da camara dos srs. deputados.

—Partiu para Mousão, acompanhado de sua ex.^{ma} familia, o sr. Adriano Augusto Pinto Junior.

—Esteve ha dias em S. Gregorio, o sr. dr. Domingos Eunes Ramos Fontainhas, distincto clinico, de Monsão.

—Tambem esteve em Monsão, o sr. Francisco José Rodrigues Junior, abastado proprietario da freguezia de Christoval.

—Regressou da cidade da Guarda, o sr. dr. Januario Constante Barbeitos Pinto, moito digno juiz auditor n'aquella comarca.

—Estiveram em Braga, onde foram assistir aos festejos do S. João, os rev.^{mos} srs. Francisco Leandro Alvares de Magalhães, illustrado reitor da freguezia d'Alvaredo, e João Rodrigues Torres, de Cras-de Paderne.

—Esteve quinta feira em Vianna, o sr. José Maria d'Assumpção e Sousa, moito digno escrivão de fazenda d'este concelho.

—Acha-se entre nós acompanhada da menina Idalina, a ex.^{ma} sr.^a D. Carolina d'Oliveira e Cunha, presada esposa do sr. Miguel d'Araujo Cunha, illustrado tenente coronel da guarda municipal do Porto.

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, pyrotechnico, da freguezia de Chaviães, faz saber a todos os seus collegas tanto d'este concelho como dos de fóra, e bem assim a todos e quaesquer festeiros, que é a elle que tem de pagar os respectivos direitos do fogo que haja de ser queimado no corrente anno, n'este concelho, devendo, porisso, o mesmo fogo ser manifestado, por pessoa idonea, ou pagar os respectivos direitos antes de ser queimado, sob pena de ser apprehendido, de harmonia com o que dispõe o regulamento da fiscalisação e cobrança dos impostos municipaes indirectos. Melgaço, 27 de junho de 1896.

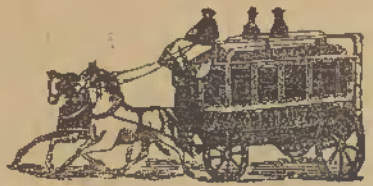
Antonio Joaquim Gonçalves

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Melgaço e cartorio do terceiro officio no inventario a que se está procedendo por obito de Izidorio Rodrigues, morador que foi no logar do Bago de Cima, freguezia de Castro Laboreiro, correm editos de 30 dias a citar os coherdeiros residentes em parte incerta Manoel Rodrigues e Francisco Rodrigues, bem como são citados os credores incertos do casal inventariado, uns e outros para fallarem a todos os termos do dito inventario até final.

Melgaço, 11 Junho de 1896.

Verifiquei
O juiz de direito 2.º substituto
José Candido Gomes d'Abreu
O escrivão interino,
Aurelio Augusto Yaz



CARREIRA DIARIA ENTRE MONSÃO E MELGAÇO

LINO FERNANDES BRAGA faz publico que, desde o dia 3 do corrente abriu carreira diaria entre Monsão e esta villa, sabindo d'aquella ás 8 horas da manhã e d'esta ás 4 da tarde.

Esta carreira possui bons trens, excelente gado e pessoal habilitado, e vem preencher uma lacuna, substituindo a conhecida carreira do «Diós».

PREÇOS DO COSTUME



(NAS PAGINAS DE UMA PARTITURA DE WAGNER)

Nas noites brancas, noites de luar,
Quando sorri a lua feiticeira,
Delicio-me a ouvir n'uma roseira
Do meu quintal, um rouxinol trinar.

Ontras veses então passo a escutar,
De tua voz angelica, fagueira,
A doce melodia feiticeira,
Serena e meiga como o azul do ar...

Então, nas noites brancas quando canta
O rouxinol a melodia santa,
Eu julgo ouvir a tua voz divina...

E quando tu desprendes, silenciosa,
Da tua bocca uma canção maviosa,
Chego a julgar que é o rouxinol que trinat...



No espaço ethereo e calmo suspirando
A lua silenciosa, docemente
Erguia a face triste e em tom plangente
Entoava um hymno antigo e venerando

E no castello do men sonho brando
Sobre o *Rochedo da Saudade Ardente*
O novel castellão, maviosamente
Em lyra d'oiro vinha dedilhando

E, sobranceiro ao mar, no mausoleu
Da virgem, sua amada—o sonho seu—
Ficou suspenso, quieto, a meditar...

E a lyra resvalando-lhe dos braços
Lá foi a saltitar pelos espaços
Gemendo uma agonia até ao mar...



VENDER MUITO E GANHAR POUCO
É O SYSTEMA ADOPTADO NA
LOJA NOVA
DE
ANTONIO JOAQUIM ESTEVES
PRAÇA DO COMMERCIO
MELGAÇO

O proprietario d'este acreditado estabelecimento mais uma vez chama a attenção dos seus numerosos freguezes e amigos, para verem o sortido de generos que recebeu ultimamente, que vende por preços baratissimos.

Sortido completo de doce, pão de ló. Bolacha da fabrica da PAMPULHA (Lisboa).

Doce de Pera e Tamará. Massas de diferentes qualidades.

Vinhos maduros do acreditado armazem da Estrella.

E todos os generos de mercearia.

Sortido completo em cotias, paunos crus e riscados, pelos preços já muito conhecidos.

Cazemiras e flaneltas azuis e pretas, gostos lindissimos e baratos.

Picotilhos desde 500 réis o metro. Guardanapos a 25 réis. Camisolas a 100 réis.

SALDO

Um saldo de calçado de Lisboa. Sapatos que eram a 15800 réis vendem-se a 15200 réis, outros ditos de 15500 réis vendem-se a 15000 réis. Aproveitem a occasião.

Além dos artigos mencionados ha muitos outros impossiveis de mencionar e que tudo se vende mais barato do que na Galiza.

MELGACENSES!

Visitae a mercearia de Joaquim d'Algas Afonso, em Prado, logar da Corredoura, e vereis um lindo sortido de fazendas de lã, proprias da presente estação, para fatos d'homem; bem assim um completo sortido de riscados, cotias, algodões e generos de mercearia, que tudo vende mais barato que qualquer outro estabelecimento.

VER PARA CRER!

CONTRA A DEBILIDADE

Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saúde publica de Portugal, documentos legalizados pelo consuli geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Achase á venda nas principaes pharmacias.

LOJA DO MELRO
BARATEIRO DO RIO DO PORTO
JERONYMO FERNANDES DE BARROS

Tem no seu estabelecimento grande sortido de fazendas para vender por occasião da Assenção, mais barato do que na Galiza.

Por exemplo:

Pannos pretos de 800 a 15000 réis.

Diagonaes pretos de 15000 a 15800 réis.

Grande sortido em chales pretos e de cor a 15000, 15200, 15500, 15800, 25000, 35000 e 35500 réis.

Chitas de cor a padrões modernos e novidade a 70 réis.

Riscados largos a 65 réis.

Lenços para a cabeça a 90 réis.

Casemiras para facto a 450 réis, e muitos outros artigos que tudo vende por preços baratos.

Descança a pena e tinteiro

Tudo barato e inteiro

A quem trouxer o dinheiro

O que quer o caloteiro

Dá-se ao que traz dinheiro

GUILLARD, AILLAUDE & C.^a

CASA EDITORA

96, Boulevard Montparnasse

242-1.º, Rua Aurca, 242-1.º

PARIZ

LISBOA

HENRI ROCHEFORT

EMILE ZOLA

AVENTURAS

DA

MINHA VIDA

Publicação semanal aos fasciculos de 80 paginas. Preço de cada fasciculo 120 réis. Em todas as livrarias.

ROMA

CONTRA A TOSSE XAROPÉ PEITORAL **JAMES**

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitales. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depoitos nas principaes pharmacias.



CARAS DE PAU

TYPOGRAPHIA

DO **Jornal de Melgaço**

Esta casa typographica, encarga-se de qualquer trabalho bem como facturas, memoranduns, mapps, livros, participações de casamento, cartas funebres, cartazes e programmas para theatros, bilhetes para rifas e encarga-se tambem de impressos para repartições publicas por preços modicos.

CARTÕES DE VISITA

Branco de 300 a 600 réis
De lito desde 600 a 15000 réis.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente auctorizada e privilegiada.

MARIA

Ella sorri, ás vezes, reconstada
No parapello branco da janella
E fica-se a sonhar, meio-onleuada
Sem ver que lito, aneoso, o olhar n'ella.

E a sua face branca e delicada
A' projecção da lua,—essa donzella—
Tem a pureza ideal de branca fada
Das lendas virginaes d'uma novella

E em seu cabelo pno e divinal
Um lyrio muito branco, de crystal
Desponta como a ostia sobre o altar

Assim no seio seu en docemente
Quizera repousar eternamente
Mih'alma já cansada de sonhar...

Luas quadras

À Guida...

O teu perfil, d'uma pureza ideal,
Como harmonia angelica dos ceus,
Tem a correcção doce e magistral
Das esculpturas gregas dos museus.

E o teu olhar azul, avelludado,
Canta-me n'alma umas tristezas taes,
Que são como o luar meigo e nevado,
Em noites de ballada, orientaes...

